



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**



JOÃO GABRIEL EVANGELISTA FONSECA DE SOUZA

**Associação Cultural Maria Dos Cravos, renascimento da Capoeira Angola
no Acupe de Brotas.**

SALVADOR - BA

2019

JOÃO GABRIEL EVANGELISTA FONSECA DE SOUZA

**Associação Cultural Maria dos Cravos, renascimento da Capoeira Angola
no Acupe de Brotas.**

Trabalho de conclusão do curso,
apresentada à Universidade Federal da
Bahia como requisito parcial para
obtenção do Grau de Licenciatura em
Educação Física.

Orientador: Prof^ª. Dr. Pedro Rodolpho
Jungers Abib

SALVADOR - BA

2019

JOÃO GABRIEL EVANGELISTA FONSECA DE SOUZA

**Associação Cultural Maria dos Cravos, renascimento da Capoeira Angola
no Acupe de Brotas.**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em
Educação Física, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia.

Aprovada em 29/11/2019

Banca Examinadora

Prof. Dr. Pedro Rodolpho Jungers Abib
Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia
(Orientador)

Profª Especialista Naiara Aguilera Soares

Prof. Ms. Marilza Oliveira
Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia

“A capoeira que eu faço vem da natureza, de todos os bichos, da maré, de tudo que gira em cima da Terra; na capoeira angola. Todo mundo canta um jogo diferente. A capoeira angola é igual a um pássaro no mato, cada um tem um canto diferente. Igual peixe no mar, cada um tem uma cor diferente. Uma cobra tem três botes. Dá dois e fica com um pra ela. O capoeirista, mandingueiro não dá tudo a ele, pro camarada. Dá um e volta pra depois dar o outro. Sempre tem um guardado pra ele.” Mestre João Grande.

Agradecimentos

Agradeço o viver nessa terra. A todas as forças que estão antes de mim, as forças ancestrais que regem e me cuidam. Viva a mãe natureza, porque sem ela camaradinho, não seríamos nada.

Agradeço a minha família, em especial minha mãe e meu pai por serem a minha base a chegar até aqui, a todos os esforços e sacrifícios que fizeram para criar seus filhos.

Agradeço a professora Celi Taffarel, por sua incansável forma de transmitir seus conhecimentos para que se formem cada vez mais mulheres e homens com responsabilidade social e que almejam outra perspectiva de sociedade, para superar o capitalismo e suas barbáries sociais. Ao grupo LEPEL, Linha de Estudo e Pesquisa em Educação Física, Esporte e Lazer. Por terem me acolhido e me direcionado a uma educação transformadora e superadora, oportunizando meu primeiro contato com a capoeira na Universidade.

Agradeço a Mestre Malvina, Capoeira Calabar, onde pegou nas minhas mãos para ensinar o toque do saber ancestral da nossa cultura brasileira, a capoeira. Obrigado mestre, sem o senhor não chegaria até aqui.

Agradeço a professor Pedrão, Pedro Abib, por me abraçar ao grupo de pesquisa Griô, lugar onde pude me aliar as pessoas que acreditam em uma educação popular, humana, onde há respeito com a natureza e a vida.

Agradeço a todas as pessoas que contribuíram na minha trajetória dentro da Universidade Federal da Bahia, que me abriram as portas e me convocaram a luta, através dos movimentos sociais. Vida longa a luta popular.

Agradeço a Luiza, companheira de vida que me incentiva a ser um homem melhor pro mundo, me mostra a luz e segura na minha mão pra fazer aquilo que eu não posso fazer sozinho, amo você.

Agradeço a meu Mestre Gato Preto, por confiar em mim, por me passar com amor e respeito o seu conhecimento, agradeço por ocupar tantos lugares, mestre, irmão, amigo, pai. Estamos juntos, até o fim.

Agradeço a todas as mestras e a todos os mestres da Cultura Popular que eu conheci, desse universo que não me canso de viver e acreditar que existe uma outra forma de estar no mundo.

RESUMO

Esta Monografia é resultado do Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em Educação Física e traz como tema A Associação Cultural Maria dos Cravos, renascimento da Capoeira Angola no Acupe de Brotas, dedicando-se a compreender e identificar as contribuições de como a manifestação cultural da Capoeira Angola pode auxiliar na descolonização do pensamento, no processo de formação de traços sobre identidades brasileiras, formação humana, ancestralidade, ritualidade, a importância dos Mestres e Mestras na perpetuação do saber ancestral, no processo de formação popular, no repensar as práticas ancestrais entre o homem e a natureza, trazendo como Território de estudo a Associação Cultural Maria dos Cravos, no Bairro de Brotas, Salvador, Bahia, no grupo Capoeira Filhos de Angola Salvador, Organizado Pelo Mestre Gato Preto.

Elegemos a metodologia da pesquisa qualitativa que auxilia à análise de problemáticas que se referem a dimensões dos sujeitos, sua cultura, seus aprendizados e, portanto, inspirados nas orientações da pesquisa participante, seus procedimentos e orientação de campo, foi possível chegar a caminhos e algumas respostas às nossas inquietações. Os resultados da pesquisa apontam que os elementos fornecidos por essa manifestação cultural, aliados a uma perspectiva de universidade que tenha como norte atividades de ensino-pesquisa-extensão coletivas e cooperativas em busca de superação das desigualdades sociais existentes no Brasil, contribui no crescimento pessoal, político e cultural dos estudantes de Educação Física, permitindo uma atuação mais consciente no seu cotidiano e contexto o que, conseqüentemente, aponta para uma transformação

social. Concluímos que a Capoeira enquanto um saber popular, cujos conhecimentos que a constituem, trazem ensinamentos, valores históricos, humanos, políticos e revelam uma importante dimensão de luta e resistência cultural que são fundamentais ao trato no currículo do Curso de Licenciatura em Educação Física da UFBA e que, atualmente, vem sendo um dos diferenciais no crescimento humano dos professores em formação.

Palavras-Chave: Capoeira, Educação Física, Descolonização, Formação Humana

ABSTRACT

This monograph is the result of the conclusion of the degree course in Physical Education and its theme is the Maria dos Cravos Cultural Association, reborn from capoeira Angola in Acupe de Brotas, dedicated to understanding and identifying how to contribute to the cultural manifestation of Capoeira. Angola can assist in the decolonization of thought, in the process of formation of Brazilian identities, human formation, ancestry, rituality, importance of Masters in the perpetuation of ancestral knowledge, in the process of popular formation, non-formal education, not rethinking as ancestral practices among man and nature, bringing as Study Territory to the Maria dos Cravos Cultural Association, in Brotas Neighborhood, Salvador, Bahia, no Capoeira Children of Angola Salvador group, organized by Mestre Gato Preto. Qualifies the qualitative research methodology that helps in the analysis of problems that refers to the dimensions of the subjects, their culture, their learning and, therefore, inspired by the orientations of the participant research, their procedures and field orientations, it was possible to access some paths and some answers to our concerns. The results of the research point to the elements that offer this cultural manifestation, allied to a university perspective that has collective and cooperative

teaching-research-extension activities in search of overcoming the existing social, political and cultural inequalities of Brazilian students. Physical Education, allowing a more conscious performance in its daily life and context, which, consequently, indicates a social transformation. It concludes that Capoeira as a popular saber, those who learn, brings teachings, historical, human, political values and reveal an important importance for the struggle and cultural resistance that are fundamental to the study of the Physical Education Degree course at UFBA today. , has been one of the differentials in the human growth of teachers in formation.

Key Words: Capoeira, Physical Education, Decolonization, Human Formation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9-11
1. Histórias que não se contam, descolonizando os pensamentos.....	13-22
2. Capoeira, Identidade e Tradição.....	23-31
3. Associação Cultural Maria dos Cravos.....	32-60
4. Considerações Finais.....	61-64
5. Referências.....	65-67

INTRODUÇÃO

Os motivos que me fazem optar por este tema de estudo é devido a minha trajetória dentro da capoeira. Conheci capoeira aos 10 anos de idade, no bairro e na rua onde moro, em Brotas. A capoeira acontecia ao lado de um campo de futebol de barro (hoje é Localizada a Associação Cultural Maria dos Cravos) onde tive minhas primeiras aproximações com o local, jogava bola nesse campo e cheguei a fazer escolinha com o antigo professor Nilton, que tinha um projeto social com os meninos da comunidade e as vizinhanças. A casa onde acontecia a capoeira era dirigida pelo Mestre Marrom, fundador do grupo Capoeira ACUPE, que mantinha as atividades de tradição juntamente a outros mestres.

Logo depois que conheci Mestre Marrom, passados alguns meses as atividades foram encerradas por questões familiares. Fiquei por muitos anos sem contato com a capoeira.

Em 2014, ingressando na Universidade Federal da Bahia, cursando a Licenciatura Plena em Educação Física tive a oportunidade de retomar o contato com essa cultura ancestral, a partir da Professora Celi Zulke Neuza Taffarel, onde no segundo semestre do curso pude ser Bolsista de um projeto de iniciação científica coordenado por ela, O Projeto VIZINHANÇA ESPORTE ALEGRIA NO CALABAR, onde pude acompanhar o trabalho do Mestre Malvina como Educador Cultural e Social em sua comunidade de origem. Auxiliei o Mestre Malvina em suas atividades educacionais no Instituto Fatumbi durante 3 anos e meio, e neste tempo também me tornei seu aluno.

Também através do Professor Pedro Abib, na disciplina de Educação, Identidade e Pluralidade Cultural, agradeço cada vivência, a cada aula, as possibilidades em que ele me deu de conhecer outros(as) mestres(as). Bem como

nas disciplinas de Capoeira 1 com a Professora Amélia Conrado e Capoeira 2 com professor Bruno Abrahão, ambas no Curso de Licenciatura em Educação Física.

Outro fator determinante para o estudo desse tema tem sido a partir de experiências onde tenho grande estímulos identitários e territoriais, com a fundação do Grupo de Capoeira Filhos de Angola Salvador em setembro de 2018 na Avenida Maria dos Cravos, localizada no Acupe de Brotas, sendo centro de resistência onde moro, ao qual sou integrante.

Além disso, existe o caráter de relevância social, política, cultural, pedagógica e de como estão sendo desenvolvidos os estudos sobre Capoeira no âmbito Universitário.

O objetivo geral desta monografia é contribuir para reflexão sobre as formas educacionais presentes da Capoeira Angola, e de como essa manifestação cultural afro-brasileira, baseada na ancestralidade, na tradição, na memória coletiva, no ritual, na solidariedade e laços comunitários, podem auxiliar no processo de novas alternativas de se pensar a educação, o cuidado com a natureza, a importância e valorização das Mestras e dos Mestres que é imprescindível, e a tradição oral como o principal responsável pela forma transmissão do conhecimento nas tradições africanas.

O objetivo específico desta pesquisa é documentar e Elucidar as atividades culturais, projetos sociais e revitalização que estão sendo desenvolvidas na Associação Cultural Maria dos Cravos, Salvador, Bahia, no Bairro de Brotas.

Na tentativa de responder a problemática central, tecer conceitos fundamentais ao entendimento deste tema, tal investigação inspira-se e elege a abordagem metodológica da pesquisa qualitativa lançando mão de procedimentos e técnicas de coleta de dados no campo. Encontrado nas orientações da pesquisa participante, de onde retira-se explicações através dos autores como Tatiana Engel e Denise Tolfo, que organizaram o livro Métodos de Pesquisa (2009), pistas que auxiliam na apreensão de dados e análise dos mesmos. Sobre os métodos escolhidos, as autoras trazem a tona o entendimento de que a pesquisa qualitativa, “não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização” (2009, p. 31). Como este trabalho não tem o intuito de quantificar dados, mas sim, produzir

novas informações, confrontar idéias, justifica-se a escolha pelo método de pesquisa. Segundo as mesmas autoras, pesquisa de campo e pesquisa participativa são procedimentos que podem ser adotados pelo pesquisador.

Com base em Fonseca (2002, p. 37), é explicado que a pesquisa de campo “caracteriza-se pelas investigações em que, além da pesquisa bibliográfica e/ou documental, se realiza coleta de dados junto a pessoas, como recurso de diferentes tipos de pesquisa (pesquisa ex-post-facto, pesquisa-ação, pesquisa participante e outros)”. Já a pesquisa participante “caracteriza-se pelo envolvimento e identificação do pesquisador com as pessoas investigadas”, como chama atenção Fonseca (2002, p. 40).

Capítulo 1

Histórias que não se contam, descolonizando pensamentos.

Entre os anos de 1525 e 1851, estima-se que mais de cinco milhões de homens e mulheres de África foram trazidos para o Brasil como escravos, este número ainda não diz respeito aos que morreram resistindo o processo de migração, nem os que ficaram doentes e chegaram a óbito ainda nos navios negreiros, nem os que foram capturados.

A capoeira surgiu no Brasil no século XVI. Herança do povo africano ligada à cultura brasileira, a tradição da capoeira significa valioso contributo à formação da nossa identidade cultural Brasileira. Capoeira é luta, jogo e dança. Brincadeira com movimentos perigosos executados com graça, malícia e símbolos. Nasce a partir de um contexto sócio histórico de opressão realizada pelos colonizadores europeus aos povos africanos e aos povos indígenas brasileiros, resistindo e usando a cultura como expressão e afirmação da sua ancestralidade, de uma tradição e de um sistema de valores que se recusa a esquecer as suas origens e costumes por esse sistema desumano e opressor que foi a escravidão. Na época da escravidão a capoeira surge na ânsia de liberdade e literalmente como uma arma para a guerra no século XVI. Os negros usavam o seu corpo como estratégia para se defender, ora como luta ora como dança, utilizava-se desses meios para camuflar a sua verdadeira identidade. Dança de um povo em que prevalece a agilidade, esquivo e esperteza de fuga, por muitas vezes, seus movimentos se assemelham a movimentos dos animais. Os pés que deslizam sobre o chão podem desferir golpes fatais. Essa dança, enquanto forma de expressão corporal - possui uma linguagem onde cada gesto significa e representa idéias, sentimentos, emoções, sensações.

Algumas manifestações são ancestrais à capoeira e aparecem de forma fragmentada, por exemplo, a Punga dos Homens no Maranhão; em Recife o Cangapé; no Rio de Janeiro denominava-se Pernada Carioca; no Rio Grande do Sul os Lanceiros Negros; a mandinga, a brincadeira como era conhecido na Bahia.

Eram formas de defesa, formas de Jogo de Corpo com de essência guerreiras que antecederam a capoeira conhecida hoje. Formas essas utilizadas contra opressão realizada também após quilombo e abolição, que faz parte da construção desse processo histórico da capoeira. Muitas histórias são contadas sobre a prática da capoeira nas regiões portuárias, sabe-se que marinheiros eram praticantes de capoeira e quando atracavam em terra firme, faziam a vadiação. Segundo os escritos de Teixeira (2007) diz que:

“Os estudos mostram que a capoeira teve seu maior desenvolvimento nas cidades portuárias, tendo surgido como prática urbana de resistência de escravos ao ganho [...]. As cidades como Salvador, Rio de Janeiro e Recife receberam um grande contingente de africanos escravizados se tornando verdadeiros “santuários” da capoeira antiga” (TEIXEIRA, 2007, p.8-9).

Na atualidade a capoeira se unifica no espaço consagrado como Roda de Capoeira, ensina o sentido da transmutação da vida, como uma ferramenta político pedagógica para a contextualização social. É na Bahia que a Capoeira teve o seu ápice em desenvolvimento cultural. Através de escritos de Silva (2003), datamos a existência da manifestação da roda da capoeira quando diz que:

“A primeira referência de uma roda de capoeira pública se deu na Praça de Nossa Senhora da Purificação, no município de Santo Amaro da Purificação, no dia 12 de abril de 1882, tendo como Mestre Tio Alípio” (SILVA. 2003, p.117).

Mestre Felipe de Santo Amaro, Capoeirista da Velha Guarda, traz em suas canções memórias ancestrais que se referem a capoeiragem na Bahia. Como por

exemplo em uma de suas composições junto com Mestre Claudio (Angoleiros do Sertão):

Não vi Capoeira Nascer

Eu não vi Capoeira nascer

Eu vi os mais velhos falar

Capoeira nasceu na Bahia

Na cidade de Santo Amaro

Capoeira nasceu na bahia

Na cidade de Santo Amaro

(coro)

Foi os negros africanos

Quando foram recapturados

Trouxeram para a Bahia

Para eles trabalhar

(coro)

Foi na cortagem de cana

E na roçagem do mato

Eles fizeram uma dança maluca

Criando esse esporte legal

(coro)

Capoeira é um esporte

Que abalou a nação

Capoeira hoje mora

Dentro do meu coração

(coro)

Sabemos que existem muitos relatos das manifestações da capoeira na rua como mecanismo de resistência a um sistema onde tentam apagar diariamente as nossas raízes culturais, a capoeira contribui muito como prática de descolonização do pensamento e do ser, a partir do seu movimento de resistência, de conscientização social por uma educação libertadora. A partir do Pensamento Decolonial, que vem se desenvolvendo por diversos países que sofreram pelo processo de colonização europeu, sobretudo nas Américas, produz teorias que tem se ramificado em ações políticas bem demarcadas nos seus contextos sociais e culturais desses países, o projeto do Pensamento Decolonial é uma alavanca forte para a expressão dos povos que foram colonizados, a partir da compreensão de sua própria história, seus traços identitários, suas visões do mundo.

A visão de mundo Colonialista está imbricada em valores de origens religiosas, jurídicas (escritas pelos mesmos colonos) e pensamentos filosóficos. Modos impostos, estruturadas em violências racistas e desumanas, de mentes opressoras que tentam justificar uma sociedade dita como moderna em relação ao que eles julgam ser relevante no quesito do conhecimento, ao “direito” e ao “progresso”. Para melhor compreender esta perversidade histórica, Lemos Bow (2010) que explica que:

“Se considerarmos a escravidão como: situação na qual a pessoa não pode transitar livremente nem pode escolher o que vai fazer, tendo pelo contrário, de fazer o que manda seu senhor, situação na qual a pessoa pode ser castigada fisicamente e vendida caso seu senhor assim ache necessário; situação na qual o escravo não é visto como membro completo da sociedade em que vive, mas como ser inferior e sem direitos, então a escravidão existiu em muitas sociedades africanas bem antes de dos europeus começarem a traficar escravos pelo oceano atlântico” (BOW, 2010, p. 47).

Hoje com a gama de informações e pesquisas que já foram realizadas conseguimos saber que muito antes do projeto colonial estabelecido pelo povo Europeu ao resto do mundo, sabe-se que povos da América Latina e povos

Africanos já escravizavam os seus povos, após momentos de batalhas, disputas realizadas em seus territórios.

Porém, é no sistema colonialista que esse mecanismo de dominação entre os povos se caracteriza e institucionalizada como violência simbólica é naturalizada. Como o costume europeu, com a negação dos traços culturais dos povos que foram colonizados, foi através de uma bruta perversidade epistemológica, baseada em verdades escritas por eles mesmos, que alegava que negros e indígenas eram povos sem cultura, sem valor, que poderiam ser escravizados. Esclarecendo essas formas de pensar dos colonos trazemos Santos(2009) que diz que:

“A partir de uma lógica onde existem uma superioridade entre os povos o não-conhecimento baseia-se no princípio da falsidade, que tem na incompreensão, na mágica e idolatria dos chamados povos primitivos/não civilizados a real estranheza que resultou na negação da sua condição de humano, como justificativa dos processos de dominação colonial”. SANTOS, Boaventura (2009. p.21-57).

Através deste discurso, perverso, enganador, foi propagada a ideia de que os povos das Américas e de África eram considerados seres humanos sem alma, inferiores, muitas vezes pela sua própria filosofia de vida, onde existia ainda a maior valorização da natureza e menor desenvolvimento arquitetônico sobre “urbano” onde muitas vezes habitavam em territórios completamente conservados. Desde aquele momento essas pessoas lidavam com agroecologia, permacultura, existia um conceito de sustentabilidade, diferentemente do povo europeu, onde nota-se na escala planetária o território entre se encontra o menor número de florestas, de preservação da sua flora e fauna original, muito por um conceito de desenvolvimento social baseado na exploração dos recursos da natureza para a obtenção do lucro.

Fazendo uma retrospectiva dos marcos de dominação do imperialismo sobre o continente africano, citamos Boahen (1982) que faz a alusão ao reflexo da consolidação a exploração do sistema europeu quando diz que: "sucumbiu reis, rainhas, chefes de clãs e de linhagens, em impérios, reinos, comunidades e unidades políticas de porte e natureza variados".

Segundo Bow (1982) elucida o que este marco histórico tem enquanto verdadeiros objetivos e intenções do interesse quando diz que:

" As primeiras expedições portuguesas de exploração da costa Atlântica Africana na primeira metade do século XV, financiadas pelos reis associados a mercadorias, tinham como principal objetivo chegar a fonte do ouro [...] no norte da África. Além disso, buscavam um caminho para as Índias que permitisse quebrar o controle que alguns comerciantes, em sua maioria, Italianos tinham sobre o mediterrâneo. As mercadorias que vinham do oriente, como tecidos e especiarias, eram os meios lucrativos e o ouro, que Portugal não tinha era fundamental nas trocas. [...] Além de chegar ao ouro e encontrar outro caminho para as Índias, ainda queriam cumprir sua missão de propagadores do Cristianismo". (BOW 1982, p.50)

O reflexo dessa brutalidade, advinda de povos europeus, negou a qualquer outro povo não branco o reconhecimento da produção do seu próprio, é o racismo na produção intelectual. Pelos escritos de Santos (2009) relata essa violência resultou no em "destruição física, material, cultural e humana".

"A violência é exercida através da proibição do uso das línguas em espaços públicos, de adoção forçada de nomes cristãos, da conversão e destruição de símbolos e lugares de culto, e de

todas as formas de discriminação cultural e racial
[...] Juntas, estas formas de negação radical
produzem uma /ausência radical, a ausência da
humanidade, a sub-humanidade moderna”
(SANTOS, 2009, p. 29-30).

Sobre as narrativas que explicam essas estruturas sociais racistas, trazemos o exemplo de Fanon (2008, p. 90) quando diz que, “a inferiorização é o correlato nativo da superiorização europeia. Precisamos ter a coragem de dizer: é o racista que cria o inferiorizado.”.

Assim como para Mbembe, (2014, p.74-79) “a raça não passa de uma ficção útil, de uma construção fantasiosa ou de uma projeção ideológica, criada pelo velho mito da superioridade racial.”.

A dominação colonial no século XIX é marcado e fundamentado por ideologias de diferenças raciais. Colonos afirmavam sobre uma “missão civilizatória” que operava através de princípios religiosos, a conversão ao cristianismo, da miscigenação e da assimilação, como se eles tivessem a missão de re-educar, civilizar povos que tinham culturas e manifestações religiosas completamente diferentes. Essa foi uma das piores consequências desse sistema colonizador europeu, onde eles colocam os povos dominados numa relação de inferioridade do pensamento, da cultura, negando todos os seus traços identitários e lhes impõe uma cultura social que não os representa.

Uma ilustração que representa muito bem esses pensamento é quando Fanon (2008) diz que:

“Em outras palavras, começo a sofrer por não ser branco, na medida em que o homem branco me impõe uma discriminação, faz de mim um colonizado, me extirpa qualquer valor, qualquer originalidade, pretende que seja um parasita no mundo, que é preciso que eu acompanhe o mais rapidamente possível o mundo branco, “que sou uma besta fera, que meu povo e eu

somos um esterco ambulante, repugnantemente
fornecedor de cana macia e de algodão sedoso, que
não tenho nada a fazer no mundo (FANON, 2008, p. 94)

No que tange aos conceitos sobre “colonialismo e colonialidade” trazemos aqui os pensamentos do filósofo Nelson Maldonado, onde explicita que a ideia de colonialismo está relacionada às forças econômicas, jurídicas, políticas e militares de uma nação sobre a outra nação. Já o pensamento sobre colonialidade é o entendimento de como ele colonialismo interfere nas formas de se pensar e reconhecer seus valores culturais ancestrais. Segundo Nelson Maldonado (2007) temos:

“se mantém viva em textos didáticos, nos critérios para o bom trabalho acadêmico, cultura, no sentido comum, na auto-imagem dos povos, nas aspirações dos sujeitos e em muitos outros aspectos de nossa experiência moderna. Neste sentido, respiramos a colonialidade na modernidade cotidianamente”. (TORRES, 2007, p. 131).

O termo colonialidade, segundo o sociólogo peruano Anibal Quijano (2005) faz referência à apropriação do imaginário do outro, ou seja, sua ocidentalização. Retrata um discurso que se imerge no mundo do colonizado, entretanto também se reproduz no lócus do colonizador. Nesse sentido, conforme o Quijano, o colonizador destrói o imaginário do outro, invisibilizando-o e subalternizando-o, enquanto reafirma o próprio imaginário, negando a sua existência cultural e fortalecendo apenas a sua identidade cultural. Desta forma, a colonialidade do poder reprime e oprime os modos de produção de conhecimento, os saberes, o mundo simbólico, as crenças, a espiritualidade, as imagens do colonizado e impõe novos, desrespeitando e não aceitando as diferenças culturais a fim de uma hegemonia do pensar-ser. Por conseguinte, ocorre a naturalização do imaginário do invasor europeu, a subalternização epistêmica do outro não-europeu e a própria negação e o esquecimento de processos históricos não-europeus, um crime perfeito.

O Pensamento Decolonial enquanto essa poderosa construção teórica encarnada nas lutas sociais dos povos colonizados, composto justamente por um grupo que não aceita e permite que essa colonialidade se perpetua, é dessa forma que produzimos nossa própria existência e nossa própria epistemologia e que ganhou mais força nos tempos atuais, se baseiam na luta pela decolonialidade do **poder**, do **saber** e do **ser**, como três importantes eixos onde a colonização se instaura.

Decolonialidade é visibilizar as lutas contra a colonialidade a partir das pessoas, das suas práticas sociais, epistêmicas e políticas. Nesse sentido, compreendemos o grande papel da capoeira, principalmente a capoeira nesse processo decolonial Brasileiro. Desde o seu nascimento a capoeira é decolonial, carrega consigo a luta e contestação à dominação exercida pelo povo branco e através de muita luta enfrentou a esse processo violento e desumano que foi a escravidão no Brasil. A capoeira é o símbolo da recusa às regras sociais impostas pelo colonizador e o combate ao conformismo e à passividade diante dessa imposição.

É também através de seus cantos e músicas que percebemos a riqueza cultural, política e social da capoeira contra as estruturas racistas. Segue abaixo uma ladainha criada pelo Mestre Toni Vargas:

“ Dona Isabel, que história é essa,
Ô, Isabel, que história é essa
De ter feito abolição
De ser princesa boazinha
Que acabou com a escravidão
Estou cansado de conversa,
Estou cansado de ilusão
Abolição se fez com sangue
Que inundava este país

Que o negro transformou em luta
Cansado de ser infeliz
Abolição se fez bem antes
E ainda há por se fazer agora
Com a verdade da favela,
Não com a mentira da escola
Ô, Isabel, chegou a hora
De se acabar com essa maldade
E de se ensinar aos nossos filhos
O quanto custa a liberdade
Viva Zumbi, nosso guerreiro,
Que fez-se herói lá em Palmares
Viva a cultura desse povo,
A liberdade verdadeira
Que já corria nos Quilombos,
Que já jogava Capoeira
Aruandê....”

Capoeira está presente também na luta pela descolonização do conhecimento, do poder, do saber e do ser, enraizada em valores que perpassam a oralidade, o ritual e tendo como pilar estruturante a ancestralidade. Baseada em referências de um passado/presente que configura o tempo em outra lógica do viver. Defender a bandeira da Capoeira é defender a nossa própria história, é afirmar e reconhecer que somos herdeiros e herdeiras de tradições africanas ancestrais que viveram a todo momento em combates violentos para afirmar a sua resistência/existência ao sistema.

Capítulo 2

Capoeira, Identidade e Tradição

O processo civilizatório brasileiro, foi e continua sendo marcado por uma extrema violência física e simbólica contra as culturas oriundas das tradições populares, principalmente as de origem africana e indígena, fruto do processo de colonização de corpos e das mentes as quais fomos submetidos.

A cultura desses povos, sem sombra de dúvidas, foi o mecanismo mais eficaz como forma de resistência a permanência da suas identidades culturais, através dos seus aspectos religiosos, musicais, da dança, da medicina, da culinária, da língua, (elementos de suas heranças ancestrais) conseguiram preservar a sua história.

Através das manifestações culturais, marcada pelo sentimento de ritualidade, onde se encontram a conexão com o sagrado, a terra, o ancestral e a tradição que é passada de geração a geração, perpassam os conhecimentos de seus antepassados, reforçando valores identitários, da memória coletiva, sendo concebida numa outra lógica de entendimento social, numa concepção de tempo diferenciada, marcada pela circularidade, do entender uma outra forma de ser-humano, com respeito a mãe natureza, aos semelhantes e pela inclusão, confronta valores reforçados por um modelo de uma sociedade racista e capitalista.

Os principais transmissores das tradições populares são as pessoas mais antigas, chamados de mestres e mestras, assim guardiãs e guardiões, museus vivos que perpassam os seus saberes aos mais novos, resguardados na tradição, na ancestralidade de seus povos, nos rituais, na construção da memória coletiva,

rompendo as correntes de uma sociedade onde só existe o aqui e o agora, essas referências nos mostram cada vez mais a importância de sermo árvores de raízes profundas, bebendo das águas dos contos sobre nossos antepassados, para que possamos saber o real valor da construção da nossa identidade ancestral para que possamos viver em um outro sistema de construção coletiva, que vise descolonização do povos.

Na Capoeira Angola podemos identificar elementos de um manejo diferenciado sobre a partilha dos saberes, mestres e mestras, com suas sensibilidades, demonstra sabedoria em saber entender o tempo do outro e incentivar o progresso com atos de afeto, zelo, responsabilidade .

Segundo o **Mestre Moraes**, em seu depoimento, o toque, na “pedagogia do africano”, é fundamental. “Ele toca o aluno para passar o sentimento... ele não toca unicamente para consertar o movimento... ele passa muito mais a vontade de ver o aluno aprendendo, do que ensinar o movimento correto”. Essa forma tradicional de ensinar passa pela proximidade que deve existir entre o mestre e o aprendiz. Uma proximidade corporal em que o afeto, a atenção e a disponibilidade do mestre mostram-se integralmente”. (Abib, Pedro 2006, p.5). Vivência do toque, onde há desejo nesse toque de que se perpasse o conhecimento, os movimentos, os dizeres, essas características são heranças do povo africano onde se estreitam as relações entre o aluno e o mestre.

Trazendo referência aos mais velhos na cultura bantu, segundo Antônio Miguel, apud Abib, 2004.

"é a denominação da função exercida pelo velho, aquele que detém a memória e o conhecimento sobre os costumes, a língua e a história de sua comunidade, exercendo a liderança desse grupo social e decidindo sobre questões referentes à justiça entre seus pares. Ele só se reveste desse poder e d'essa autoridade justamente por ser velho e, portanto, ter adquirido a experiência necessária para exercer tal função. A função de mestre na capoeira angola deve, ou deveria ser pautada por esses mesmos princípios, já que ser mestre resulta do aprendizado, experiência e observação de toda uma vida.

Assim, o mestre, na cultura popular em geral, adquire esse reconhecimento por ter se notabilizado perante sua comunidade, em razão de sua capacidade de ser um elo transmissor dos saberes de seus antepassados” Miguel, Antônio (2003).

Tomando como ponto de partida a “cosmovisão africana”, Eduardo Oliveira (2003, p. 118) conclui que “a tradição está ligada ao “princípio de senioridade”, portanto à ancestralidade e à identidade. A tradição africana atualizada pelos afrodescendentes é autêntica na medida em que fiel à sua forma cultural, original na medida em que advém da experiência (ética) coletiva dos africanos. A tradição cria identidades pois ela é o manancial dos valores civilizatórios e dos princípios éticos (filosóficos) que singularizam a história dos afrodescendentes. A legitimidade da tradição africana dá-se, exatamente, por ela não ser uma memória fossilizada no passado, mas uma experiência atualizada no calor das lutas dos afro descendentes “(Ibid., 2003, p. 118) .

Na visão de Pedro Abib, pesquisador dos saberes populares e tradicionais dentro da Universidade conclui que

“O mestre tem profunda ligação com a própria palavra tradição, que vem do latim: traditio. O verbo é tradere, e significa precipuamente entregar, designa o ato de passar algo para outra pessoa, ou de passar de uma geração a outra geração. O verbo tradere tem relação também com o conhecimento oral e escrito. Isso quer dizer que, através da tradição, algo é dito e o dito é entregue de geração a geração”. Abib, Pedro (2005. p.67).

O dicionário Aurélio (FERREIRA, 2004) define tradição como “Ato de transmitir ou entregar”; “Transmissão oral de lendas, fatos, etc., de idade em idade, geração em geração”; “Transmissão de valores espirituais através de gerações”; “Conhecimento ou prática resultante de transmissão oral ou de hábitos inveterados”; “Recordação, memória”.

Já para Stuart Hall (2006), tradição implica na ênfase da continuidade entre presente e passado, através dos mitos de origem, sendo que estes são filtrados

através de uma memória seletiva, podendo mesmo constituir o que Hobsbawm chama de tradição inventada (HOBSEBAWN apud HALL, 2006 p. 54).

A proposta epistemológica escolhida para este trabalho toma, portanto, a própria Capoeira Angola como reconhecimento. A ancestralidade é um dos alicerces da filosofia da Capoeira Angola, já que a mesma diz quem somos nós. Pensar no processo de formação identitária sem a referência à ancestralidade é como pensar em uma árvore sem raiz. A referência à ancestralidade implica em conhecer e reconhecer-se na construção de sua própria história de vida. A necessidade de enfatizarmos as matrizes africanas em nossa cultura se afirma a partir do ocultamento, da invalidação, pela depreciação, invisibilização e negação histórica da cultura negra em nosso país, retrato do sistema colonialista e escravocrata, bem como a negação das matrizes africanas como campo de conhecimento epistemológico. Racismo estrutural que gera ignorância e desconhecimento das tradições originárias de matrizes africanas., relacionados à vida, ciência, espiritualidade, natureza, à cultura, à filosofia, à relação entre pessoas e à história da humanidade. Para Machado (2013):

“Vivemos, portanto, uma cultura como tradição re-territorializada numa reinterpretação particular da civilização africana no território brasileiro e já não necessariamente nos terreiros e quilombos. Estamos estabelecidos dentro do conjunto de princípios e valores praticados por esses grupos de re-existência e tradição. Tradição, memória viva de um povo, onde nem o tempo nem o espaço se apresentam como um limite. Os valores que garantiram a integridade, a vida e a dignidade de nossos ancestrais escravizados continuam a criar caminhos de libertação.”. (MACHADO, 2013, p.94)

Sobre a ritualidade e sua relevância dentro da manifestação da Capoeira Angola, trazemos escritos Professor Pedro Abib que dizem:

“A função do ritual, presente na maioria das manifestações tradicionais da cultura popular, é de suma importância, pois motiva

os sujeitos a debruçaram-se sobre o passado em busca dos marcos temporais ou espaciais, que se constituem nas referências reais da lembrança. É o ritual que permite essa transposição do aqui e do agora para tempos imemoriais, para locais sagrados, onde tudo se originou. É o ritual que permite a conexão com o sagrado, com a arché, enquanto origem, enquanto fonte continuamente suscitadora de sentidos.” Abib, Pedro (2005, p.69)

Desta forma a ancestralidade se torna ferramenta para a defesa dos princípios políticos e filosóficos da Capoeira Angola, onde através de seus rituais de manifestação, traçam lutas diretas contra o Racismo. Segundo Araújo (1997)

‘As inferências da Capoeira Angola acentuam o indivíduo, permeável, sujeito construtor/criador e identificado com valores de ancestralidades nos quais a vivência nas suas tradições valoriza, nestes, o estabelecimento de laços afetivos e de familiaridade, integrados numa ambiência comunitária [...]’. Araújo (1997, p.211)

A ancestralidade remete não ao passado descolado do presente e do futuro, pois deve ser compreendida a partir da ideia do tempo circular, não-linear, onde passado, presente e futuro estão interligados. Pelo resgate ao reconhecimento de valores e sentidos que nos conformam, que dão sentido à nossa cosmovisão no mundo.

“Ancestralidade que envolve a dimensão espiritual, passando pelo corpo e pela natureza”. (MACHADO, 2012, p.94).

Retomando a concepção do Mestre Pastinha onde havia escrito na porta da sua academia, entende capoeira também como três palavras, “Capoeira, Natureza, Mãe”, destacamos a impossibilidade de separar dimensões como corpo e natureza, natureza e cultura, e assim por diante. Ou seja, “o corpo é já a materialização da cultura e sua existência é um fenômeno da natureza”. (OLIVEIRA, 2007, p.146).

Essa percepção de corpo enaltece o sentimento, o improviso, o instinto, a vivência, o tempo natural, as singularidades das estruturas, aspectos pouco valorizados pelo modelo de ciência calcado na sistematização, explicação e esquema, que ainda perduram em nossos tempos, como diz Oliveira (2007):

“ O corpo construído se erige como signo identitário da tradição africana: é um corpo negro que se arquiteta. Porém, pelo contexto onde tudo isso acontece, o signo da africanidade é mais um desconstrutor do que um construtor de regimes. Veja: baseado na ideia geral de africanidade, que aqui funciona como um significante flutuante, desestrutura-se o corpo da racionalidade moderna ocidental (vertical, estático, linear, rígido, teleológico; que privilegia o cognitivo) para afirmar o corpo da ancestralidade africana, que ressalta a horizontalidade, as dobras, o baixo-corporal e o movimento. [...] mais para improviso e programa do que para repetição e esquema.” Oliveira (2007.p.119).

A Capoeira Angola eleva a concepção de formação e desenvolvimento humano pautados no corpo, na espiritualidade e no meio ambiente, interseccionados em elementos de integração dentro de uma construção comunitária, em grupo, solidária, inclusiva, respeitosa ao ritmo da natureza, aos outros e a si mesmo. Nesse sentido, Jorge Conceição (2009, p.12) diz:

“Poderíamos até afirmar que a capoeira pode ser identificada como um método pedagógico de base filosófica ecológica (ancestral) e com conteúdos que se aplicam a várias circunstâncias; por isso, este domínio da natureza corporal é também, sabedoria para se relacionar com o ambiente integral.” Conceição (2009, p.12)

Segundos os escritos de Decânio (1997):

“A ancestralidade é fundante a uma epistemologia que se faz a partir do corpo e de sua ginga. O mestre e poeta Pastinha diz: **“o que tenho em meu corpo é a minha arte.”** (DECÂNIO FILHO, 1997, p.13).

Busca-se o manejo da ginga, como estratégia filosófica de vida, no balanço da ginga diante das situações do dia a dia, desconstruindo ideias conservadoras, que fragmentam a sociedade, que separa o corpo ancestral da produção do conhecimento. Para Oliveira (2007):

“A capoeira angola, por manter os fundamentos da ginga, é um regime semiótico que fornece os elementos suficientes para ler o mundo. Ler o mundo é um modo de criá-lo. É uma leitura que não fica refém dos olhos; uma leitura de corpo inteiro, integrada, dinâmica, fluente. Com efeito, a roda de capoeira é uma usina que fabrica mundos. A cada roda, a cada jogo, gesta-se uma nova singularidade e a cada singularidade gerada desborda-se outras possibilidades do vir-a-ser. (OLIVEIRA, 2007, p.191)

A Capoeira Angola é uma forma expressiva de transmissão oral, cuja memória enfatiza a continuidade com o passado, mas que também cria, recria, atualiza e traduz, ou interpreta, sua tradição e desta forma para Oliveira (2007):“A Capoeira Angola pode ser pensada como uma epistemologia, compreendida como filosofia de vida, forma de ver o mundo de modo integrado, complexo, dinâmico, corporal, artístico e também multirreferencial. Ela nos mostra que é preciso inverter as lógicas, desconstruir, criar, re-criar, encontrar brechas e linhas de fuga para o exercício da liberdade. Esse seria o sentido maior de falar desde este lugar, já que a capoeira angola é, ela mesma, criadora de mundos” (OLIVEIRA, 2007).

A capoeira desta forma, se insere num processo contínuo de transformação, por uma educação inclusiva, que questiona os valores de opressões estruturais, que

valoriza a diversidade cultural. Capoeira É um campo do conhecimento que se constrói nas relações diárias de convivência em grupos e comunidades, onde os desafios, intrigas, conflitos, disputas de poder, egos, são elementos constituintes dos processos formativos coletivos.

As músicas e ladainhas presentes no universo da capoeira são também elementos importantíssimos no processo de transmissão dos saberes, pois é através delas que se cultuam os antepassados, seus feitos heróicos, seus exemplos de conduta, fatos históricos e lugares importantes para o imaginário dos capoeiras, o passado de dor e sofrimento dos tempos da escravidão, as estratégias e astúcias presentes nesse universo, assim como também as mensagens.

O culto aos antepassados que se manifesta na capoeira angola, influência direta da concepção bantu de tempo – que não é linear, mas sim circular –, nota-se com muita ênfase através dos cantos e ladainhas em que os ancestrais da capoeira são sempre lembrados e mesmo através da forma como esses antepassados são reverenciados, seja nos discursos dos mestres e alunos, seja na presença de fotografias, imagens e pinturas desses antepassados presentes de forma solene nas paredes dos locais onde acontecem as aulas e rodas de capoeira angola.

Retratando o universo musical e a relação de poder místico que tem o berimbau, para Abib, Pedro:

“O berimbau, instrumento utilizado na antiguidade para conversar com os mortos, exerce função primordial no rito representado pela roda de capoeira angola, pois ele é o responsável por estabelecer essa conexão com o sagrado, e com a ancestralidade representada pelo tempo da escravidão, e antes ainda, por tempos remotos e longínquos que remetem à mãe África.”
Abib, Pedro (2005, p.69)

Segundo Cinézio Feliciano Peçanha, apud abib (2005, p.69) o mestre Cobra Mansa, diz uma lenda africana sobre o surgimento do berimbau, que uma menina saiu a passeio. Ao atravessar o córrego de um rio, abaixou-se para beber-lhe a água com as mãos. No momento em que saciava a sede, um homem deu-lhe uma

pancada na nuca. Ao morrer, seu corpo converteu-se na madeira; seus membros na corda; sua cabeça na caixa de ressonância e seu espírito na música dolente e sentimental.

Capítulo 3

História da Associação Cultural Maria dos Cravos.

A Associação Cultural Maria dos Cravos, que está em funcionamento desde setembro de 2018 e é um espaço multi referenciado localizada no Município de Salvador/Ba, no Bairro de Brotas, coordenado pelo Mestre Gato Preto.

Assim que fiz minha primeira aula me identifiquei muito com a metodologia de aula do Mestre Gato, com muita atenção, respeito ao tempo do outro e carisma foi me apresentando a magia da capoeira angola com seus traços de mandinga.

A Associação Cultural Maria dos Cravos nasce de um sonho, que estamos realizando juntos. Promover a existência desse projeto na comunidade Soteropolitana contribuirá para a existência de ações voltadas à valorização da cultura baiana, afro-brasileira e em especial, a capoeira angola.

Maria dos Cravos, também Maria Laura Carvalho, nascida em Dois de Julho de Mil Novecentos e Dois, veio para Salvador, onde casou com Francisco Mendes de Brito e passou a chamar Maria Laura de Brito, casada foi morar no bairro de Cosme de farias, onde nasceram seus 14 filhos, dos quais sobreviveram nove. Durante a primeira guerra mundial , com falta de farinha de trigo, teve a idéia de fazer cuscuz de vários sabores para vender as famílias do bairro, substituindo o pão.

Com o dinheiro acumulado durante aquele período, economizou e comprou um terreno no Acupe de brotas, onde construiu, junto com seu esposo , uma casa, na ladeira do Acupe, nº 32 .

Ela e sua família foram uns dos primeiros moradores da Ladeira do Acupe de Brotas. Neste mesmo terreno, Maria dos Cravos cultivava muitos tipos de frutas, folhas medicinais e flores. Além de servir como fonte de subsistência alimentar para família, o fruto do seu plantio também transformou-se em um comércio de pequeno porte, onde Maria negociava a atacado para vários pequenos vendedores ambulantes e feirantes na região da sete portas.A partir disso ficou conhecida pelas

vendas, por seus produtos e principalmente de Cravos e a partir disto passou a ser conhecida em Salvador como Maria dos Cravos.

Dona Maria dos Cravos também construiu e fundou o famoso Clube da época, Unido de Brotas, associação que mantinha atividades esportivas, como futebol, projetos sociais, atividade conhecida como o baile da semanais, dos quais participaram até alguns artistas de forma nacional. O clube foi criado originalmente para que os filhos tivessem um lugar de diversão, tornou-se um espaço importante para encontros familiares, atividades festivas no período de São João, Páscoa, Carnaval e finais de semana como programas de calouros e brincadeiras infantis. Só foi instinto alguns anos depois do seu falecimento.

Mesmo sem instrução escolar, foi comerciante o tempo todo em que viveu. Além de vender flores, folhas e frutos, construiu casas simples para alugar no espaço, privilegiado em áreas, onde morava; criou uma lavanderia em que empregava várias pessoas que estavam em estado de vulnerabilidade social. Sempre foi solidária com os que precisavam de qualquer tipo de apoio. Foi uma mulher à frente do seu tempo, além de um ser humano extremamente bondoso. A sua memória merece registro e homenagens.

Em seis de março de Mil Novecentos e Cinquenta e Oito, após um longo período lutando contra uma doença, Maria dos cravos foi cultivar estrelas no céu.

A ideia de homenagear Maria dos Cravos vem do Mestre Gato Preto, trazendo consigo a necessidade de reconectar ao passado, lembrar quem construiu o legado para que pudéssemos chegar até aqui, o elo entre o que foi e o que está sendo, a ancestralidade e identidade de como foi construída essa comunidade.

Abaixo está elencado a relevância social da Associação Cultural Maria dos Cravos e enquanto associação civil sócio-cultural-ambientalista-educacional, tem como finalidades e objetivos principais:

- I. Realizar atividades educativas, culturais e científicas de caráter contínuo, incluindo aulas, pesquisas, cursos, workshops, eventos, capacitações, conferências, seminários, vivências e residências criativas;
- II. Valorizar a cultura, costumes, tradições, atividades produtivas, consciência étnica, em especial das populações

afro-brasileiras, indígenas e das minorias;

III. Desenvolvimento de meios para sobrevivência humana econômica e sustentável respeitando e valorizando o potencial latente humano inerente a cada pessoa; seus costumes e tradições;

IV. Estimular a parceria, o diálogo local e solidariedade entre os

diferentes segmentos sociais, participando junto a outras entidades de atividades que visem interesses comuns;

V. Editar publicações, vídeos, processamento de dados, sites, e/books, instalações multimídia, entre outros e realizar consultorias nos campos ambiental, educacional e sócio-cultural;

VI. Estimular e desenvolver o pleno exercício da cidadania através da educação, visando melhorar a qualidade de vida da população;

VII. Estudar, pesquisar e divulgar as causas dos problemas ambientais e as possíveis soluções visando o desenvolvimento ecologicamente sustentável;

A Associação Cultural Maria dos Cravos é isento de quaisquer preconceitos ou discriminações, não admitindo controvérsias de raça, credo religioso, cor, gênero ou político-partidárias, em suas atividades, dependências ou em seu quadro social.”

No início da nossa trajetória poucas pessoas compunham o grupo de forma ativa: Mestre Gato Preto, Antônio André (Corujinha), Luiza Tavares, João Gabriel, Gilvan e Stephanie Lobo. Passado um pouco mais de um mês o Mestre anunciou após uma aula que precisaria viajar durante um mês para a Valença, Espanha, para ministrar aulas e oficinas no grupo dos Filhos de Angola Valença e pediu para que continuássemos as aulas com o grupo que já havia sido formado. A partir daí fiz a tentativa de convidar outras pessoas que moravam próximo a Associação para

frequentarem o local e treinar. Primeiro fui convidando os mais jovens a estarem presentes nas atividades, logo Henrique e Eloisa, crianças que moram na casa a frente a Associação Cultural começaram a fazer parte do grupo e participar das atividades que estavam acontecendo. Depois foi a vez dos jovens Matheus e Pedro que moram na mesma rua da associação e também se integraram no processo, depois tivemos a presença de Orlandinho, Yuri e Arthur, crianças que moram no entorno da Associação.



Jovens do Bairro.

Neste período, Antônio André não pode estar tão próximo por estar residindo em outra cidade e Gilvan por também ter feito uma viagem para a Suécia para trabalhar com música e capoeira angola. A partir disso coube a nós três Stephanie, Luiza e eu para puxarmos as movimentações de base que o mestre tinha nos ensinado e passar isso para os mais novos e assim o fizemos. Foi um mês e meio de muitos aprendizados onde pudemos ter a vivência de ter a responsabilidade de estar fazendo o local estar vivo sem a presença do Mestre. Sentimos muito a falta do Mestre nesse processo mas também foi o divisor de águas que nos fez permanecer até hoje no grupo. Foi ali que eu vi que a Capoeira Angola estava muito

entranhado dentro de mim e que estávamos construindo um sonho juntos de ver o espaço renascer.

Após esse período com o retorno do Mestre continuamos a desenvolver as atividades de capoeira e novas pessoas adentraram ao grupo para fortalecer o trabalho. O núcleo “duro” é composto pelo Mestre Gato Preto, João Gabriel, João Brito, Stephanie Lobo, Luiza Tavares, Gilvan, Francisco Barreto, Gabriel “Largatixa”, Rivaldo Barros e Antônio André.

A construção do centro cultural está sendo feita a cada dia, a cada momento que estamos lá modificando a realidade do local. Tivemos muita sorte de amigos e parceiros estarem colaborando com o nosso sonho de revitalizar o centro educacional. Isabela Fernandes, estudante de arquitetura, nos ajudou a fazer uma planta do local, nos deu dicas de como ir aos poucos requalificando o local, além disso, seu irmão Eduardo Fernandes, Engenheiro Civil, estava trabalhando numa obra de demolição e seriam descartados diversos materiais. No dia 06 de maio fomos agraciados por um dos seus presentes, foi doado pisos para colocarmos no salão casa onde ocorrem as aulas de Capoeira, 3 portas, 1 pia e alguns refletores de Luz. Tivemos o apoio da “Kombi Angola” e de um vizinho da Associação chamado Gegel, que se prontificou a levar o resto do material em sua caminhonete.

Essas doações mudaram completamente no quesito do conforto em fazer as movimentações e deu um outro olhar estético para a casa.

Abaixo seguem fotos do antes e depois do salão de atividades.

Antes:







DEPOIS:





Vale ressaltar que todas as construções que foram feitas dentro do centro educacional até hoje teve suor e esforço de nós mesmos, em alguns serviços tivemos ajudas de outras pessoas, mas sempre parte de nós e da nossa força para realização de qualquer mudança infraestrutural. Com o piso foi da mesma forma, marcamos um mutirão e com a experiência de Antônio André e o grupo passamos o dia na associação realizando essa reforma. Sempre de nós por nós para nós.

A vivência com o Mestre Gato Preto formou um grupo com responsabilidade social e cultural com a capoeira angola, formando cada aluno seu com princípios baseados na ancestralidade, na convivência coletiva, no cuidado com a casa, no cuidado com a natureza, entendimento da tradição e dos rituais que acontecem dentro da capoeira e dentre dessa vivência o Mestre Gato Preto nos possibilitou conhecer pessoas que são referências no legado dessa cultura ancestral como: Mestre Roberval, Mestre Moraes, Mestre Boca Rica, Mestre Boca do Rio, Mestre Caboré, Mestre Jurandir, Mestra Nani, Mestre Felipe de Santo Amaro, Mestre Cobra Mansa, Mestre Pelé da Bomba, Mestre Lua Rasta, Mestre Valmir, Mestre Curió,

ContraMestre Suel, Contramestre Wilson, Contra Mestre Tatu, Contramestre Veó e muitas outras personalidades e referências dessa cultura aqui na Bahia.

Fomos em busca de histórias antigas sobre a capoeiragem na bahia e resolvemos fazer uma viagem de campo até o Recôncavo da Bahia, tendo como objetivo fazer uma visita ao Mestre Felipe de Santo Amaro. Fomos no nosso transporte Familiar, carinhosamente apelidado por Kombi Angola, de Francisco Barreto e foi uma viagem incrível onde podemos ir com quase todo o grupo para essa expedição. Ficamos hospedados na casa da Maíra Carbonieri, Aluna do Mestre Gato Preto do Grupo Filhos de Angola Valencia, Espanha, que possui uma casa na região de São Félix, Bahia, e a partir disso começamos a fazer conexões sobre a realidade do local e suas relações Históricas.

Santo Amaro, localizada a 79 km da cidade de Salvador, fundada em 1557, elevada a vila e Município em 1727, somente em 1837 tornou-se cidade. Com 486km² de área e aproximadamente 60 mil habitantes. Santa Amaro foi e é referenciada por grandes nomes da capoeiragem. A proposta de visitarmos o Mestre Felipe foi uma tentativa a trocar experiências e conhecer um dos grandes museus vivos da capoeira angola na Bahia. Mestre da Velha Guarda, possui saberes ancestrais sobre as histórias de sua terra, Santo Amaro (Conhecida como Santo Amaro da Purificação), do famoso Besouro e da velha capoeiragem na cidade de Santo Amaro.

A primeira vez que conheci Mestre Felipe foi em numa disciplina de ACCS (Ação Curricular em comunidade e sociedade) - Saberes e fazeres da Cultura Popular na Educação, ministrada pelo professor Pedro Abib, onde na culminância da disciplina realizamos uma viagem de campo para o recôncavo baiano a fim de conhecer mestres e mestras das culturas populares e suas manifestações. Nessa viagem fomos a casa do Mestre Felipe onde ele nos contou muitas histórias, sobre a sua vivência na capoeira e com a cultura popular.

Com a necessidade de resgatar essa historicidade que se mantém viva nos velhos mestres e mestras, propus ao Mestre Gato Preto que pudéssemos realizar essa visita com nosso grupo e assim fizemos.

Mestre Felipe contou muitas histórias sobre Besouro, homem forte, que lutavam contra as injustiças sociais e raciais daquela época, não aceitavam e partia

para o confronto físico. Era perigoso, ligeiro, sabido em suas batalhas, ficou famoso pelas histórias por carregar seu patuá, amuleto sagrado que lhe foi entregue por sua mãe de santo, responsável por manter o seu corpo fechado e relatos contam que quando a briga estava muito feia e ele estava em muita desvantagem ele tinha a habilidade de dar grandes saltos e sumir no meio dos pés de árvores e moitas, acreditando-se que se transformava em besouro.

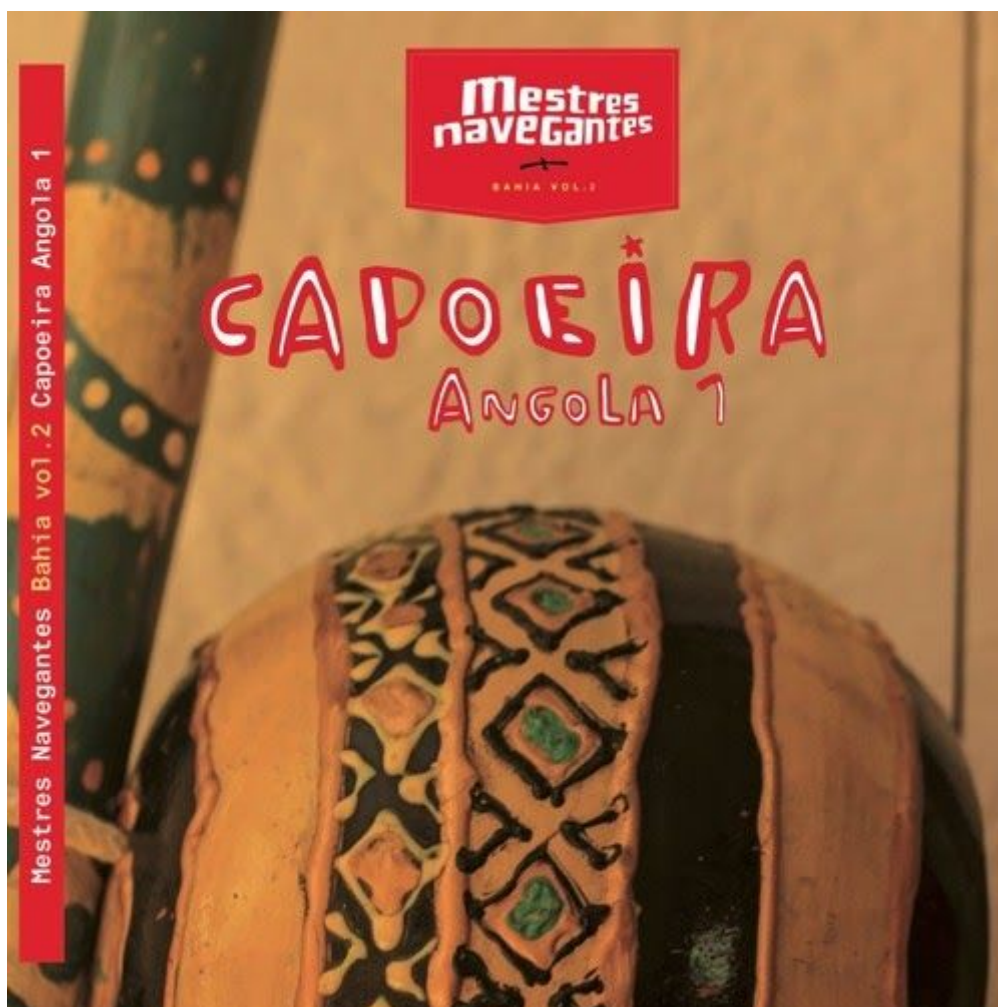
Mestre Felipe também é artesão, e nos mostrou a sua produção da replica feita por ele mesmo da Faca de Ticum, única forma de quebrar seus encantos e magias a ponto de lhe matar.







Também tivemos fomos agraciados em poder reconhecer o trabalho artístico do mestre e obter uma produção musical do Mestre Felipe, o CD Mestres Navegantes Bahia Volume 2 Capoeira Angola 1.



CAPOEIRA E A NATUREZA

A Associação Cultural Maria dos Cravos é reconhecido por um espaço multi referenciado, e além do projeto de continuidade com o legado da capoeira angola dentro do espaço também temos o intuito de desenvolver as valências socioambientais no local e a partir disto tive o primeiro contato com a permacultura e práticas sustentáveis de fato.

O espaço é caracterizado por uma zona ambiental ainda preservado, possuindo um grande espaço arborizado. De acordo com dados do Sistemas de Informação Municipal

“O bairro de Brotas, situado na região administrativa de salvador, contava com 70,158 moradores em 2010, com alta densidade demográfica – 160,64 habitantes/km² (SIM, 2019).

O espaço estava em abandono a aproximadamente por 14 anos, sendo deteriorado pelo tempo e por acúmulos de lixos e entulhos que foram sendo descartados ao longos dos anos pela comunidade. A partir dos dados do Inema temos que

“trata-se de um bairro com poucos espaços verdes a proximidade, situado Acupe de Brotas, o qual apresenta altos índices de degradação ambiental”. (INEMA, 2013; SANTOS et al., 2018).







Essas imagens correspondem ao espaço verde que existe na Associação Cultural Maria dos Cravos e como estava sendo abandonado e maltratado à anos.

Além da continuidade com as aulas de capoeira angola criamos uma responsabilidade com a manutenção e revitalização do Centro Cultural como um todo. Foram realizados diversos mutirões para que pudéssemos limpar o terreno. A maior parte do lixo removido estava na superfície do espaço com terra e enterrado também, até hoje já foram removidos mais de 100 sacos com entulhos e demais lixos que foram descartados no local e ainda não concluímos toda a limpeza subterrânea.







Sem muitos recursos disponíveis o trabalho totalmente de forma braçal. Tínhamos apenas algumas pás, uma enxada e essa mesa que consta na foto que nós mesmos construímos. Essa mesa foi uma feita com madeiras que já haviam no local e colocamos uma tela para que pudesse peneirar a terra e limpar as impurezas do local, sempre reutilizando os objetos descartados indevidamente. Tivemos esse objetivo de revitalizar o espaço verde para que pudessemos plantar e criar uma cultura de agroecologia dentro do ambiente. Segundo Renato Assis

“ A agricultura ecológica é considerada especialmente apropriada para o entorno urbano por várias razões. Em relação ao mercado, essa forma de produção tornou-se instrumento interessante para a viabilização da agricultura em pequena escala, em regime de administração familiar tanto em sistemas de parcelas individuais, como explorações associativas, posto que a baixa dependência de insumos externos facilita a adoção dessa forma de produção por esse tipo de agricultor” (ASSIS, 2003).

Realizando conservação ambiental, com uso racional da natureza já existente no local, iniciamos um modelo de produção de alimentos respeitando os processos naturais do ecossistema, para evitar mais impactos a natureza e na vida. Isso é possível porque dessa forma de produção, ao invés de retirarmos toda a vegetação original e plantarmos apenas uma cultura em larga extensão de terra, procuramos entender o funcionamento da natureza e respeitar.

Além de já existirem pés ancestrais no espaço como pés de jaca e manga também foram plantados no pés de limão, manga, pitanga, romã, babosa, pitanga, Licuri, Pau Brasil, Cactos, espadas de ogum, boldo, cidreira, manjeriço, mamão, côco, goiaba, guiné, tamarindo, girassóis, flores de oxum, cacau.

Um outro conceito ao qual a associação está se debruçando é o de Permacultura. Bill Mollison, considerado pai da permacultura, deixou um legado enorme de escritos e fundamentos para a implementação desse pensamento. Refere a um sistema de *design* (projeto, planejamento e execução) para a criação de ambientes humanos sustentáveis. Um conceito que iniciou com a prerrogativa de uma

associação benéfica entre animais e vegetais para autossuficiência doméstica e comunitária dos humanos que com o tempo ampliou-se para uma proposição mais holística da cultura permanente da humanidade na terra. É uma proposta sistêmica de convivência, nas palavras de Bill no prefácio do livro “Introdução à Permacultura:

“Autossuficiência alimentar não tem sentido sem que as pessoas tenham acesso à terra, informação e recursos financeiros”.

Permacultura subdivide-se em três áreas éticas: cuidado com o planeta terra, cuidado com as pessoas e cuida a partilha do excedente, seja financeiramente ou de objetos adquiridos.

Analisar essas práticas é compreender que a vida humana pode ser desenvolvida de uma forma mais consciente entre os seres humanos, em relação a distribuição de terra, renda, ninguém precisa passar fome e ainda podemos cuidar da biodiversidade existente no nosso planeta.

A partir disso iniciamos também um projeto de reciclagem do Lixo orgânico produzidos em nossas casas, fazendo a separação do lixo orgânico do não orgânico e pelos próprios resíduos orgânicos disponíveis na Associação, folhas, galhos, frutas, criando assim o sistema de composteiras no ambiente.

Tudo que é orgânico é reaproveitado, depois das nossas rodas sempre temos um momento de confraternização e celebramos com frutas e onde ocorre as separações dos resíduos orgânicos e não orgânicos e já alimentamos assim nossa composteira.

A compostagem é um sistema de reciclagem dos resíduos orgânicos onde minhocas e microorganismos transformam restos de alimentos em adubo de excelente qualidade. É um sistema prático, compacto, higiênico e de fácil manuseio que não produz cheiro nem atrai insetos e animais indesejados. É um processo natural onde atuam os micro-organismos, como fungos e bactérias, que são responsáveis pela degradação de matéria orgânica, transformando-a em húmus, um material muito rico em nutrientes e fértil.

Com o aumento das áreas urbanas, o aumento populacional, também houveram mudanças sociais no quesito onde descartamos o nosso lixo. Antigamente era muito comum jogar lixo no “mato”, sobras e outros restos de

alimentos porque já haviam um entendimento que o alimento retornaria para a natureza. E com toda essa mudança, colocando resíduos orgânicos em sacos plásticos, houve mudanças na qualidade dos resíduos sólidos, que acabaram tornando-se cada vez mais inadequados para o processo de compostagem de lixo. O hábito de separar lixos orgânicos ainda pode fornecer uma opção saudável de adubo orgânico para plantas e hortas.

Um espaço referência da união da Capoeira com a Permacultura é o Kilombo Tenonde. O Kilombo situado em Valença, Bahia. É um espaço que busca alternativas de vida que perpassam a troca de conhecimento e experiências, conexão com a natureza, bioconstrução, plantação, captação de energia, conexão com a espiritualidade, a saúde e o autocuidado, considerado um espaço Multirreferencial de Aprendizagem, idealizado pela Mestre Cobra Mansa.

Ser Angoleiro(a) e permacultor(a) na Associação Cultural Maria dos Cravos nos permite vivenciar elementos da cosmovisão afro brasileira e indígena. Pensar o corpo integrado com a natureza, atrelando natureza-movimento, ancestral e espiritual, como nos rituais da capoeira angola, assim como no manejo com a natureza, aos elementos, água, terra, fogo, ar, além de animais e plantas. Viver num local que há natureza nos leva a um sentimento de reconhecer o corpo enquanto elemento integrante da natureza, somos natureza do corpo ao espírito.

Elevamos nossa energia espiritual ao partilharmos a vida na capoeira, de forma coletiva, a musicalidade dos instrumentos, do canto do mestre, do coros e o campo energético que a roda atinge, são mecanismos de conexão com seu ser espiritual e ancestral, assim como na natureza, no cuidado com a terra, ao tomar um banho de mar e fazer os seus pedidos de proteção e agradecimento, ao tomar banho de cachoeira, ao abraçar uma árvore. Vivenciar esse espaço é continuar o legado de saberes ancestrais de convivência comunitária, cultivo, construção, bem como dos rituais da capoeira angola.

A cosmologia do mundo, na visão dos povos Bantu-Kongo, pode ser compreendida de acordo com os pensamentos do Dr.Fu-KiAU quando diz que:

O conceito Bantu-Kôngo de sacralidade do mundo natural é simples e claro. Tem-se que deixa-los definir o nosso planeta com suas próprias palavras: 'aos olhos do povo Africano, especialmente aqueles em contato com os ensinamentos das antigas escolas Africanas, a Terra, nosso planeta, é futu dia n'kisi diakânga Kalunga mu di^mbu dia môyo – um sachet (pacote) de essências/medicamentos amarrados por Kalunga com intenção de vida na Terra. Esse futu ou funda contém cada coisa que a vida precisa para sua sobrevivência: essências/medicamentos (n'kisi / bilongo), comida (madia), bebida (ndwînu)'236, etc. (FU-KIAU, 1997, p.1)

Dessa forma, “o povo Bânto, Kôngo e Luba, entre eles, aceitam o mundo natural como sagrado em sua totalidade porque, através dele, eles vêem refletida a grandeza de Kalunga”, que corresponde à “energia superior e mais completa, dentro e em volta de cada coisa no interior do universo” (FU-KIAU, 1997, p.1). Ou seja, reconhecer a sacralidade do mundo natural é o começo de nosso entendimento de sermos um com a natureza (idem, ibid., p.5).

Elevando a consciência pela não separação do nosso corpo a natureza, vemos expressões artísticas e culturais, assim como capoeira, estão estritamente interligadas a natureza.

A união entre a capoeira e a permacultura podem ser compreendidas sob a ancestralidade, quando diz Eduardo Oliveira,

"é um modo de interpretar e produzir a realidade. Por isso a ancestralidade é uma arma política. Ela é um instrumento ideológico (conjunto de representações) que serve para construções políticas e sociais." (OLIVEIRA, 2007, p.257).

Compreendendo ancestralidade como elemento que não está estacionado no passado, pois modifica e transforma o presente, ligando o ser, pela circularidade, a tempos que já se foram e temos que ainda estão por vir. A importância da ancestralidade para um povo é a trilha para alcançar sua própria identidade, sua cultura sobrevivente ao perverso sistema colonialista.

Com os avanços de nossas tarefas criamos um projeto chamado: **Horticultura no Espaço Cultural Maria dos Cravos, Brotas, Salvador**. O objetivo geral do projeto é a implementação de uma horta comunitária, o direito à alimentação adequada na comunidade local e no bairro de Brotas, a partir de uma perspectiva socioambiental e com foco em jovens integrantes das atividades da Associação Cultural Maria dos Cravos. Também visamos contribuir para o acesso a alimentação natural e sem uso de agrotóxico para crianças e jovens da associação e comunidade, assim como para suas famílias e outros moradores e promover o resgate e a manutenção de espaço verde dentro da comunidade, propiciando a aproximação das crianças e jovens com a natureza e com o processo de plantio e cuidado da horta.

Esse projeto incentiva a mudança de práticas alimentares e o consumo de uma alimentação saudável entre os participantes da horta e suas famílias, a construir uma reflexão coletiva com jovens da associação acerca de temas que dizem respeito à vulnerabilidade socioambiental, tais como: injustiça e racismo ambiental, segurança alimentar e nutricional, injustiça alimentar, direito à alimentação, direitos humanos e cidadania, território e desenvolvimento urbano, entre outros;

Contribuir para o fortalecimento das relações de solidariedade e de cooperação entre crianças, jovens, adultos e idosos, por meio do trabalho coletivo e disponibilizar, para jovens da associação e comunidade, mais uma alternativa de atividade produtiva e educativa a ser realizada no seu tempo livre, ensinando a cuidar e a contribuir para um ambiente melhor.

Dentro do projeto da horta prevê-se o cultivo de hortaliças, verduras (couve, alface...), temperos e ervas (manjerição, hortelã grosso, orégano, salsa, coentro, alecrim, cebola, cebolinha, boldo, capim santo, citronela...) e de frutas (banana, maracujá, mamão, cacau, abacate, entre outras). Também serão cultivadas diferentes tipos de PANCs - Plantas Comestíveis não convencionais como a taioba, maxixe, picão preto, língua de vaca, beldroega, trapoeraba, beldroega, caruru.

Serão envolvidos na manutenção da horta, de forma voluntária, crianças, jovens e adultos participantes das atividades artísticas e educativas da Associação e moradores da comunidade e do bairro.

Como estratégia para integração dos diferentes públicos nas atividades da horta serão organizados eventos Multiculturais que abordarão os temas da alimentação e do meio ambiente sob diversos aspectos, conforme os objetivos deste projeto. Divulgaremos todas as atividades através de cartazes colados no entorno do espaço, visitas presenciais para convidar parceiros importantes situados na região, blog da Associação e redes sociais, visando alcançar o público alvo.

Os eventos terão uma programação que inclui rodas de conversa, mutirões, performances artísticas, apresentações, oficinas e palestras – que darão lugar a diversos modos de expressão artísticos – dança, percussão, capoeira, entre outras – e a diferentes áreas de saberes – ciências sociais, saúde, gastronomia, agronomia, biologia, arte e música entre outras.

Prevê-se uma equipe de Coordenação do Projeto composta pelo Coordenador Geral; Coordenador de Produção; 2 Assistentes de Produção; Designer Gráfico e Secretária Executiva. Ainda dividimos as funções para trabalho específico da Horta Comunitária que terá um Coordenador da Horta Comunitária e 2 assistentes. A manutenção geral da horta será realizada por todos os integrantes da Associação, além das crianças, jovens e adultos que serão envolvidos no projeto,

segundo um rodízio interno e também combinado com os Eventos Multiculturais. A continuidade das atividades de manutenção da horta será garantida pela equipe de coordenação que, além de supervisionar e mobilizar os jovens, irão também efetuar as tarefas de limpeza e capinagem, plantio, adubação, irrigação, coleta, arrumação dos canteiros, coleta, compostagem, etc.

A produção servirá, em prioridade, como alimentos para os integrantes da Associação e os voluntários da horta e suas famílias, conforme o esforço de cada voluntário, e para atividades educativas (oficinas de preparo de comidas com PANCs por exemplo). Em um segundo tempo, será avaliada a possibilidade de organizar feirinha na própria Associação com preço popular para os moradores da comunidade e bairro, auxiliando na arrecadação de recursos para compra de insumos da horta ou manutenção das atividades. Trata-se de um funcionamento simples, sem fim lucrativos, visando a auto-gestão e a segurança alimentar.

Equipe Função

Valfredo Santos Ferreira Diretor da Associação e Coordenador Geral do Projeto

Joao Gabriel Fonseca de souza Coordenador de Produção e Coordenador da Horta Comunitária

Maira Carbonieri Secretária Executiva e Designer

Francisco Felix Barreto Neto Assistente de Produção e Equipe da Horta Comunitária

Stephanie Mascarenhas Lobo Brito Assistente de Produção e Equipe da Horta Comunitária

A presente proposta foi elaborada em parceria com o Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia (ISC-UFBa), por meio do projeto de pesquisa intitulado *“Interface entre justiça ambiental e segurança alimentar e nutricional: estratégias integradas e participativas de pesquisa e ação em hortas comunitárias de Salvador”*, coordenado pela *Dra. Marie Agnès Aliaga*. Visa a construção de redes de apoio entre hortas e diversos atores acadêmicos, institucionais e da sociedade civil, para o fortalecimento das hortas comunitárias de

Salvador, com enfoque nas que se situem em áreas de maior vulnerabilidade socioambiental.

Assim, o ISC se coloca como parceiro na elaboração da presente proposta, visando a sua divulgação, em particular para aplicação a editais que possam permitir a implementação da horta, incluindo o fornecimento de insumos, ferramentas e acompanhamento técnico. O ISC também será colaborador na organização das diferentes atividades, de implementação e manutenção da horta, assim como na organização dos diferentes eventos culturais e educativos.

Considerações Finais

Trate bem sua cultura

Eeeee

Trate bem sua cultura

Porque ela é um bem

Se você não cuidar dela

Você não será ninguém

Quem plantou teve o cuidado

De deixar pra quem convém

Belos frutos dessa árvore,

que alimentam muito bem

E a nossa vai além,

com as histórias que contém

No corpo de quem merece

Ela faz a sua Lei

Ela toca ela canta

Ela joga muito bem

Camaradinha....

Mestre Moa do Katendê

Este trabalho dedicou-se a compreender e identificar as contribuições da Capoeira Angola na descolonização do pensamento, a formação do personalidade identitária brasileira, formação e educação humana, no enraizamento na ancestralidade, nos rituais da capoeira, o papel fundamental dos Mestres e Mestras na perpetuação do saber e no repensar as práticas ancestrais entre o homem e a

natureza, trazendo como Território de vivência a Associação Cultural Maria dos Cravos, no Bairro de Brotas, Salvador, Bahia, no grupo Capoeira Filhos de Angola Salvador, Organizado Pelo Mestre Gato Preto.

Ser Capoeirista no Brasil, Salvador, Bahia, não é moda, Viver Capoeira na atualidade é levantar uma bandeira histórica de luta e resistência ancestral de rebeldia e combate diante de uma sociedade opressora. A Capoeira é um legado cultural, e tendo esse entendimento é de suma importância a transmissão desse conhecimento ao nosso povo, perpetuar o ensino dessa tradição é reconhecer a trajetória histórica da nação Brasileira e ser consciente do seu ser político para lutar em favor da descolonização do pensamento do nosso povo. Não está sendo fácil, estamos vivendo uma conjuntura política internacional do avanço do imperialismo e da destruição ambiental, o governo brasileiro sob a posse da extrema direita tendo como alicerce a disseminação da cultura do ódio, da violência, do racismo estrutural, do racismo ambiental, do esgotamento dos recursos naturais, dos cortes aos investimentos a saúde e educação pública de qualidade, a reformas trabalhistas que só retrocedem os direitos conquistados depois de muitos anos de luta e opressão. A capoeira angola no leva ao campo mítico da ancestralidade, viramos árvores de raízes profundas nos dando conexão com a sua criação, herança de mulheres e homens que não se subjugaram-se ao regime da escravidão e a repressão se uma sociedade racista, nos dando força e sustentação para nossa existência/resistência e adquirindo sentido de enfrentamento às demandas que atacam as relação sociais e ao respeito à vida. A capoeira, na perspectiva da educação não formal, pode contribuir para a humanização transcendente proporcionando melhores relacionamentos com a vida e o coletivo, além de educar na perspectiva estética colaborando com a sensibilidade, facilitando os diálogos dos sujeitos consigo mesmo, com o outro e o mundo (RABÉLLO 2014, apud LIMA, 2018. p.48).

O método de organização dentro da Capoeira Angola é baseada na coletividade, assim como no Ubuntu, com o pressuposto de que “ a minha existência está conectada a existência do outro”. A palavra Ubuntu tem origem no idioma kimbundu e não há uma tradução precisa na língua portuguesa. A filosofia Ubuntu reforça que as existências humanas estão interconectadas, portanto, a condição

humana é fruto da existência coletiva. A capoeira perpassa a educação comunitária que pode ser entendida como uma das expressões da educação popular, mediante a qual se busca melhorar a qualidade de vida dos setores excluídos, através dos movimentos populares, que estão organizados em grupos de base, comunidades, municípios etc. GADOTTI (2012, p.18),

A capoeira se torna um ponto de referência a culturas afrobrasileiras a nível mundial, com busca do entendimento entre os povos, pela emancipação humana e superação das injustiças sociais, das violências e preconceitos raciais, é um exemplo para o exercício da convivência solidária e cooperativa, do respeito à diversidade social, ou seja, uma referência ética e étnica para o mundo.

Portanto, a capoeira colabora na construção de um novo mundo, a uma nova perspectiva de evolução social, baseada na solidariedade, no respeito ao outro, ao apoio às classes sociais oprimidas socialmente, da defesa ao meio ambiente e da biodiversidade do planeta, reconectando a ancestralidade dos tempos passados.

No que tange a permacultura e a filosofia da capoeira, notamos uma convergência de princípios. Capoeira não existe sem natureza, portanto não há a separação destas partes. A ancestralidade na Capoeira Angola, resgata culturas de matrizes africanas e indígenas, estabelecendo conexão com a natureza, relação cultural que foi se perdendo com o avanço da globalização e das tecnologias digitais. As sabedorias dos saberes indígenas e afro brasileiros nos resgatam o sentido de integração com o ser espiritual, ancestral, retomando a interação com os elementos da natureza e do sagrado. Nesta linha de pensamento, Eduardo Oliveira (2007) descreve:

As 'vivências culturais' de origem africana são vivências de uma relação estreita com o mundo natural. A ancestralidade, por assim dizer, é esse espírito de intimidade com a natureza. A comunidade tradicional africana e muitas comunidades descendentes dessa cultura vivem em relação estreita com a physis, o que me leva a inferir que relação com a natureza é sempre uma relação comunitária. A tríade natureza-comunidade-ancestralidade é o triângulo fundamental da existência. (OLIVEIRA, 2007, p.265)

Sobre as possibilidades de transformação e impacto social e global pela união da Capoeira Angola e a Permacultura Segundo Mestre Cobra Mansa: “ A capoeira tá em 136 países, agora você imagine aí cada capoeirista pensando nessa questão do meio ambiente, da agroecologia, da reciclagem, imagine o impacto que a gente vai ter”

Acreditamos no Centro Cultural Maria dos Cravos como uma nova potência para a perpetuação da tradição cultural da Capoeira Angola na Bahia e no desenvolvimento de práticas sustentáveis ao meio ambiente baseadas nos princípios da Permacultura. Compreendemos que a união entre a capoeira e a permacultura, na Associação Cultural Maria dos Cravos tem por essência a multirreferencialidade, idealizada a partir de saberes tradicionais brasileiros de origens ameríndias e africanas, saberes de diversas áreas do âmbito acadêmico - música, dança, educação física, produção cultural, agronomia, arquitetura e urbanismo, antropologia, sociologia e sobre os conhecimentos da permacultura e agroecologia nas formas do manejo com a terra, sobre bioconstrução, reaproveitamento dos recursos. Desta forma, compreendemos o potencial da capoeira na cocriação de uma realidade mais sustentável e integrada a natureza.

Referências Bibliográficas

ABIB, Pedro R.J. Capoeira Angola: Cultura Popular e o Jogo dos Saberes na Roda. CMU-Unicamp/Edufba. Campinas/Salvador, 2005.

----- Mestres e Capoeiras Famosos da Bahia. Edufba, Salvador, 2009

----- Os Velhos Capoeiras Ensinam pegando na mão, Campinas, 2006.

ABREU, Sara Mata Machado, Baobá na encruzilhada, Ancestralidade, Capoeira Angola e Permacultura, Salvador, 2016.

BOW. M. Amadou Mahtar M.. Prefácio. In: Ki-ZERBO, J. História geral da África I: metodologia e pré-história da África. São Paulo: Ática: Unesco, 1982

BRAGA, Sante Dias, Nas Vortá que o Mundo deu, nas Vortá que o Mundo Dá, Salvador, 2009

Bruna Oliveira, www.raiz.org.br/revolucao-dos-10, 27 setembro de 2016, acesso 12 de set. de 2019.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Tradução de Renato da Silveira, Salvador: EDUFBA, 2008.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HERNANDEZ, Leila M. G. Leite. A África na Sala de Aula: visita à história Contemporânea. São Paulo: Selo Negro, 2008.

IPHAN. Carta de Fortaleza. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, [s.d.]. Disponível em: . Acesso em: 28 out. de 2019.

_____. Dossiê IPHAN 12 {Roda de Capoeira e Ofício dos Mestres de Capoeira}. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2014. Disponível em: . Acesso em: 28 out. 2019.

_____. Patrimônio Imaterial. Disponível em: . Acesso em: 28 out. 2019.

_____. Programa Nacional do Patrimônio Imaterial. Disponível em: . Acesso em: 28 out. 2019.

_____. Patrimônio Imaterial: O Registro do Patrimônio Imaterial: Dossiê final das atividades da Comissão e do Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial. Brasília: Ministério da Cultura / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 4. ed, 2006. Disponível em: . Acesso em: 28 out. 2019.

LIMA, Ábia, Capoeira & Educação: Produção do Conhecimento em Jogo, Salvador, 2018

Mestre Claudio e Felipe <http://capoeiralyrics.info/songs/nao-vi-capoeira-nascer.html>, acesso em 22 de nov. de 2019.

Mestre Cobra Mansa, www.youtube.com/watch?v=LDzMtEL_kzg, acesso em 25 out. de 2019.

Mestre Moa do Katendê, Ladainha Trate bem sua Cultura, <https://www.youtube.com/watch?v=YNpWHNR1dEA>, acesso em 10 set. de 2019.

Mestre Toni Vargas, Ladainha Abolição da Escravatura, www.letras.mus.br/mestre-toni-vargas/353001/, acesso em 15 out. de 2019.

MBEMBE, Achille. As Formas Africanas de AutoInscrição. Estudos Afro-Asiáticos, 2001 pp. 171-209.

MBEMBE, Achille. Crítica da Razão Negra. Portugal: Antígona Editores, 2014.

MOLLISON, B. SLAY, R. M. Introdução à Permacultura. Tagari publicações. Tyalgum, 1994.

MOLLISON, B. HOLMGREN, D. Permacultura Um: uma agricultura permanente nas comunidades em geral. Editora GROUND. São Paulo, 1978.

MUDIMBE, Valentin Y. The Invention of Africa: Gnosis, Philosophy and the Order of Knowledge. Bloomington: Indiana University Press, 1988.

MUDIMBE, V. Y. A invenção da África: Gnose, Filosofia e a ordem do conhecimento. Edições Pedagogo LDA, 2013. Disponível em: <<https://teoriografia.files.wordpress.com/2015/06/mudimbe-v-y-a-invenc3a7c3a3ode-c3a1frica-2-pp-01-41.pdf>>. Acesso em: 5 nov. 2019.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. En libro: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, 2005.

SILVA, Augusto Januário Passos da. A Capuêra e a Arte da Capueragem: Ensaio Socioetimológico. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 2003. 127

SANTOS, Boaventura de Sousa. Capítulo I. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: Epistemologias do Sul. (Org.). Almedina, CES, Rio de Janeiro, 2009. p.21-57.